FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

162

INSCRIÇÕES 635-636



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIÇÕES ROMANAS DE LINDOSO

(Conventus Bracaraugustanus)

Defendi, em 2012, na Universidade do Minho, a tese de doutoramento sobre a paisagem histórica das terras de Lindoso.¹ Dela foi publicada uma síntese;² no entanto, o estudo das novas epígrafes romanas aí identificadas apenas foi incluído no II volume da tese; optámos, consequentemente, por o dar a conhecer no Ficheiro Epigráfico, para lhe dar mais ampla divulgação.

A freguesia de Lindoso pertence ao concelho de Ponte da Barca, distrito de Viana do Castelo. Ao tempo dos Romanos, pertenceria ao Conventus Bracaraugustanus.

001

Epígrafe de Cabeço de Leijó (Fig. 1)

O povoado de Cabeço de Leijó situa-se num outeiro correspondente a uma ruptura convexa de vertente, no terço inferior da encosta noroeste do Cabeço de Peixerrão, junto à

¹ FONTES (Luís Fernando de Oliveira), Arqueologia, Povoamento e Construção de Paisagens Serranas. O Termo de Lindoso, na Serra Amarela. Tese de doutoramento, em 2 volumes, defendida em 2012, na Universidade do Minho, que pode ser consultada na íntegra em http://hdl.handle.net/1822/20982.

² FONTES (Luís), Lindoso, uma Paisagem com História, Ponte da Barca, 2013.

bordadura sudoeste da ampla plataforma erosiva do Lindoso. Duas pequenas linhas de água delimitam o outeiro a SO e a NE, acentuando a saliência do morro em relação à vertente. O terreno apresenta uma configuração geral cónica, armada em vários andares de socalcos concêntricos.

A visibilidade próxima estende-se a toda a ampla rechã do Lindoso e às encostas das elevações que a envolvem a S e SO, destacando-se o pico do Alto do Forcão a SE e o Cabeço das Virgens a SO. Para Norte e Nordeste abarca-se a confluência dos rios Lima e Laboreiro, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas das serras do Soajo e da Peneda.

O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se bastantes concentrações de calhaus em alinhamentos irregulares. Não se evidenciam condições de sedimentação, observando-se até alguma perda de solo. Pertencendo a vários proprietários (com muros divisórios de propriedade em mamposteria), o local é inculto, apresentando uma cobertura vegetal secundária, dominada por tojo, urze e herbáceas. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a NE campos agrícolas (leiras em socalcos), que se estendem até aos lugares de Real e Lindoso; a N, O, S e SO terrenos incultos com tojo e pequenas manchas de carvalhos, sobreiros e alguns eucaliptos.

O acesso pode fazer-se pelo caminho carreteiro, com troços lajeados, que liga a povoação de Lindoso à de Parada (antigo caminho pelo lado da encosta, alternativo ao caminho do lado do rio). O sítio não está sinalizado.

A configuração topográfica do Cabeço de Leijó é acentuada por taludes concêntricos, correspondentes a muros de suporte de terra feitos com blocos graníticos rudemente afeiçoados e montados em aparelho poligonal. Definem-se assim uma série de plataformas concêntricas, abrangendo uma área aproximada de 1,5 ha, no interior das quais se identificam alinhamentos regulares de blocos graníticos afeiçoados, desenhando traçados ortogonais correspondentes a paredes de edificações demolidas. No topo do outeiro afloram massas graníticas onde se observam rasgos largos para alicerçamento de paredes, desenhando traçados igualmente ortogonais que, no lado nascente, configuram uma entrada. Aí próximo, num muro divisório de propriedade, A. M.

Baptista recolheu, em 1986, um fragmento de bloco granítico com epígrafe, com as seguintes características:

Morfologia: Fragmento correspondente à parte inferior de uma peça tipo ara (?), de secção quadrangular, talhado em granito grosseiro da região, em razoável estado de conservação, mas com faces erodidas (granulosas) e bordos fracturados, faltandolhe todo o lado direito. Numa das faces, com superfície afeiçoada e regular, apresenta vestígios de uma moldura quadrangular relevada, com 5 cm de largura. Cerca de 13 cm abaixo da moldura a superfície faz um pequeno ressalto, apresentando-se daí para baixo sem qualquer afeiçoamento, o que pode significar que essa parte deveria permanecer enterrada. Uma epígrafe, pouco legível, foi gravada na parte afeiçoada da face.

Dimensões do fragmento (em centímetros): Desconhecese o tamanho da peça completa e consequentemente o tamanho do campo epigráfico: altura = 79; largura = 35; espessura = 31. Altura da parte não afeiçoada (parte que corresponderia ao pé, enterrado): 41.

Medidas das letras (altura, em centímetros): l. 1: 5,2 - 3,5 (duas últimas letras da linha, truncadas na parte superior, por onde foi quebrada a peça); l. 2: 4,5 - 5,5 - 5,2 - 5 (quatro últimas letras da linha); l. 3: 5,5 - 5,4 - 4,9 - 5,9 - 6,7 (cinco últimas letras da linha, que parece ser a última do texto). Espaços interlineares (em centímetros): 1: 1; 2: 1; 3: 7 (inclui a moldura relevada com 5 cm).

Comentário paleográfico: Conservou-se a parte final das linhas inferiores do texto, sendo a última gravada por baixo do lado inferior da moldura, que parece limitar um campo epigráfico. É perceptível uma paginação incipiente, revelada pela regularidade dos espaçamentos interlineares e pelo alinhamento das letras à direita. Parece ter havido ordenamento do texto. As letras são do tipo "capital actuária", mais altas que largas, com inclinação geral à direita. O "A" e o "V" apresentam-se arredondados e o "E" aberto. A sua gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem

acabamento dos vértices. Não identificamos qualquer pontuação, nexo ou motivo decorativo. Semelhanças paleográficas com inscrição de Porto Chão.6 (NIG.017).

Comentário histórico-arqueológico: Não conseguimos fazer uma leitura interpretada da epígrafe. Pelas características paleográficas trata-se de uma inscrição romana tardia (séculos III-IV). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver uma fotografia, partilham esta proposta cronológica.³ Para além de ter sido recolhida num habitat de fundação romana, o contexto arqueológico local é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

³ Na nossa tese havíamos acrescentado a seguinte nota: (9) Armando Redentor classifica esta inscrição como funerária. Transcrevemos aqui, com a sua autorização, o seu comentário: "Relativamente à peça associada ao Cabeço do Leijó, não tenho dúvida em classificá-la como funerária. A tipologia é estranha e parece estar entre a estela e a ara. Não tenho ainda proposta acabada de restituição do texto, mas a fórmula final não deixa dúvida; a transcrição que faço é a seguinte: [---]IV[---] / [---ACINI/---] SILI F / [HI]C.SEITUS".

No Volume II da sua tese, pp. 228-229, viria a classificar a peça como estela, propondo uma cronologia entre 101-200 e a seguinte leitura: [. ...]iu[s]/[Fl] acini-/[u]s Sali f(ilius)/[hi]c seitus (!) - REDENTOR (Armando José Mariano), A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustano (Pars Occidentalis). Percursos pela Sociedade Brácara da Época Romana. Tese de doutoramento, em 2 volumes, defendida em 2011, na Universidade de Coimbra, que pode ser consultada na íntegra em http://hdl.handle.net/10316/19989.



Foto e decalque da inscrição do Cabeço de Leijó

Epígrafe de Paternus, de Porto Chão (Fig. 2)

O sítio do achado fica praticamente no centro do anfiteatro de Porto Chão, uma ampla chã formada pela suave ruptura côncava da vertente oeste do esporão do Chamadouro. A visibilidade limita-se praticamente à "concha" do anfiteatro de Porto Chão, com uma abertura ténue a NO acompanhando a inflexão do curso do rio da Feicha nessa direcção.

O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registandose grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em montículos de dimensões variáveis. Não se evidenciam condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de sedimentação.

A área apresenta uma cobertura vegetal secundária, dominada por tojos e fetos. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a norte e oeste, existem dois prados artificiais, com raros carvalhos dispersos pelo perímetro murado, com solo espesso e limpo de pedras; a sudoeste, conserva-se uma pequena mancha de vidoeiros, resultado de florestação dos anos 50 do século XX; a sul, corre o regato de Porto Chão que mais à frente vai atravessar o vidoal rasgando o espesso solo coluvial; a este, ficam os viveiros florestais de Porto Chão. O sítio está globalmente exposto a poente, sendo praticamente atravessado pela linha de água.

O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso – Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada, hoje pouco usado. Não está sinalizado.

Os vestígios arqueológicos correspondem a inúmeros aglomerados de calhaus ou alinhamentos lineares irregulares, dispersos entre o fundo dos viveiros e a mancha de vidoeiros, amontoando-se aqui numa espécie de "mamoas" (ver NIG.004), e rasgos talhados nos afloramentos rochosos, eventualmente para alicerçamento de estruturas. Num dos aglomerados junto aos viveiros foi encontrada por Allan J. Davies, responsável pelos viveiros florestais em 1992, uma laje granítica epigrafada, de que se transcreve a respectiva ficha descritiva:

Leitura: PATERNVS.

Tradução: [Aqui jaz] Paterno (aceitando que se trata de uma inscrição funerária).

Morfologia: Placa rectangular, tipo laje monolítica, talhada em granito grosseiro da região, em razoável estado de conservação mas com faces erodidas (granulosas) e bordos ligeiramente fracturados. Na face anterior, de superfície afeiçoada e regular, apresenta 3 círculos com 10 cm de diâmetro, rebaixados cerca de 1,2 cm em relação à superfície e alinhados ao centro da laje no sentido do eixo maior. Entre os círculos e o bordo inferior da laje foi gravada uma epígrafe, que se apresenta legível.

Dimensões do monumento (em centímetros): comprimento = 86; largura = 60; espessura = 10. Do campo epigráfico: 86 x 60.

Medidas das letras (altura, em centímetros): linha única: 7 (truncada inferiormente por fractura da peça) -8.8 - 10.2 - 9.6 - 10.5 - 9.9 - 7.7 - 9.2.

Comentário paleográfico: aparentemente conservou-se o texto integral. Por ter uma só linha, não se pode falar propriamente em paginação, devendo apenas notar-se que revela uma certa preocupação de arranjo pelo seu alinhamento em "caixa". As letras, de desenho pouco cuidado como evidenciam as diferentes dimensões, são do tipo "capital actuária", mais altas que largas, com inclinação geral à direita. O "A" e o "U" apresentam-se arredondados e o "E" aberto. A sua gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem acabamento dos vértices. Não identificamos qualquer pontuação, nexo ou motivo decorativo. Os círculos escavados não parecem ser elementos decorativos mas talvez pequenos receptáculos para libações ou, eventualmente, marcas suplementares de identificação. Semelhanças paleográficas com inscrição de Cabeço de Leijó (NIG.016).

Comentário histórico-arqueológico: Trata-se de uma estela romana, eventualmente relacionável com o habitat de fundação romana do Cabeço de Leijó. *Paternus* é um cognome latino que foi frequentemente usado como gentílico por população indígena do NO peninsular, atribuindo-se-lhe geralmente uma origem

flaviana (Tranoy 1981: 364). Pelas características paleográficas, trata-se de uma inscrição romana tardia (séculos III-IV). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver um decalque, partilham esta proposta cronológica. 4 O contexto arqueológico local é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

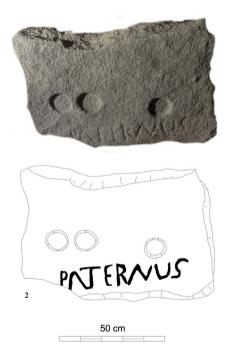


Foto e decalque da inscrição de Porto Chão

635

⁴ No Volume II da sua tese, p. 110, Armando Redentor classifica a peça como inscrição rupestre plausivelmente votiva, propondo uma cronologia entre 171 e 230.

Epígrafe da Portela de Peixarrão (Fig. 3)

O local do achado localiza-se no colo entre o Cabeço de Peixerrão e o esporão do Chamadouro, relevos que bordejam o anfiteatro de Porto Chão pelo lado nascente. Com pendor suave, o sítio está sobretudo exposto a NE, quadrante sobre o qual proporciona uma ampla visibilidade, que abrange toda a plataforma de Lindoso até à confluência do vale do Laboreiro com o Lima.

O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno. A pedregosidade é elevada, não há sedimentação e verificam-se condições de erosão acentuada.

Inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze. Nas proximidades nasce uma linha de água que corre para Norte em direcção ao Lima, passando pela povoação de Lindoso.

O acesso pode fazer-se pelo caminho lajeado que liga a aldeia de Lindoso à cabana de Travanquinha (ver NIG.082), ainda em uso, ou pela estrada florestal Lindoso – Louriça (até à casa do guarda e daí pelas traseiras). O sítio não está sinalizado.

Neste local são visíveis aglomerados informes de calhaus e cascalho, entre os quais foi encontrada, por Allan J. Davies, uma laje granítica epigrafada, com as seguintes características:

Leitura: apenas conseguimos ler CAPITO no final da linha 7 e OBIT na linha 9. Por dificuldades de interpretação não apresentamos leitura completa. Consequentemente não se apresenta tradução.

Morfologia: peça tipo bloco monolítico, em forma aproximada de estela (os dois terços superiores esboçam uma espécie de arco peraltado; o terço inferior aguça formando uma espécie de espigão, destinando-se provavelmente a fixar a peça no solo). Toscamente talhado em granito grosseiro da região, em razoável estado de conservação mas com faces erodidas (granulosas) e pequenas fracturas, apresenta uma fractura maior que fez desaparecer quase todo o bordo lateral direito. A face anterior apresenta uma superfície mais regularmente desbastada (mas não afeiçoada), um sulco perimetral irregular que parece marcar uma espécie de moldura e

uma epígrafe gravada, pouco legível.

Dimensões gerais (em centímetros): altura = 143; largura = 58; espessura = 28. Do campo epigráfico: 90 x 58.

Medidas das letras (altura média por linha, em centímetros): 1.1: 3,6 - 1.2: 4,5 - 1.3: 3,8 - 1.4: 5 - 1.5: 6 - 1.6: 6 - 1.7: 6 - 1.8: 4,5 - 1.9: 6,5 - 1.10: 4 - 1.11: 7. No conjunto, a letra mais alta mede 8 e a mais baixa 3 centímetros

Comentário paleográfico: conservou-se a quase totalidade do texto, com 11 linhas que não revelam qualquer cuidado de alinhamento em relação aos limites do campo epigráfico ou entre si, com grande variação no espaçamento interlinear e na própria altura das letras. As letras são do tipo "capital cursiva", com ligeira inclinação à direita. Não se identificam "AA" com travessão central, os "UU" são arredondados e abertos e os "SS" apresentam-se angulosos. A gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem acabamento dos vértices. No que respeita a nexos, pontuação e decorações, registamos a identificação apenas de um ponto.

Comentário histórico-arqueológico: aceitando-se a formulação OBIT da linha 9, tratar-se-á de uma estela funerária de tipo romano, eventualmente relacionável com o habitat de fundação romana do Cabeço de Leijó. Pelas características paleográficas, em que sobressai a já referida formulação OBIT, será uma inscrição tardia, já do período suevo-visigótico (séculos V-VI). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver um decalque, partilham esta proposta cronológica. O contexto arqueológico local

Ficheiro Epigráfico, 162 [2018]

⁵ Na tese havíamos acrescentado a seguinte nota: (13) Segundo Armando Redentor, poderá tratar-se de mais uma inscrição votiva, conforme comentário que nos transmitiu e que reproduzimos: "A peça do Peixerrão é um grande desafio. Creio que para além do nome *Capito* poderão existir outros antes e inclino-me, presentemente, mais para uma peça votiva do que para um epitáfio; a forma verbal *obi(i)t* não a vejo clara. Todavia, uma proposta mais ou menos coerente para interpretação da peça necessita de mais investimento em termos de análise, inclusive autóptica."

No Volume II da sua tese, p. 91, viria a classificar a peça como "Epígrafe consagrada a Júpiter Gauteco (?)", propondo uma cronologia entre 151 e 230 e a seguinte leitura: M(onumentum?) p(ro?) a(ra) / Cloutai[us] / Muniton[is f(ilius)] / Lusca/ Agapiti f(ilia) [..?]/us Sttil-/ii f(ilius) Capito / Boi f(ilius) nam [pla]/cebit / Iobi (!)

é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

Luís Fontes

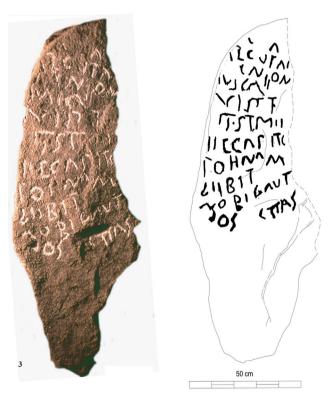


Foto e decalque da inscrição da Portela de Peixerrão

CUPA DO TORREÃO DAS PORTAS DE MÉRTOLA, BEJA (Conventus Pacensis)

As muralhas medievais de Beja contêm inúmeros materiais arquitectónicos reaproveitados, grande parte deles de época romana. De entre os muitos de que é difícil descortinar a sua forma original surgem-nos, por vezes, também outros mais claros, como algumas epígrafes. Estas, pelas suas dimensões e pela qualidade do suporte, constituíam certamente bons materiais de construção para os cantoneiros durante a Idade Média.

No torreão norte da Rua das Portas de Mértola, situado junto ao edificio da Caixa Geral de Depósitos, reconhecem-se facilmente elementos pétreos distintos do aparelho construtivo, que é formado maioritariamente por blocos irregulares de gabro diorito de tom azulado e rematado por cunhais de mármore de Trigaches / São Brissos de formato rectangular e bem aparelhado. Observam-se, a espaços, formas nítidas, um fuste de coluna ou uma pedra aparelhada, de tom mais claro, que remetem para a reutilização de materiais mais antigos. Junto ao cunhal norte, na face este do torreão, encontra-se em perfeita harmonia com o restante conjunto de blocos regulares de mármore, um fragmento de cupa conhecido, desde há muito, de diversos cidadãos mais interessados nas questões do património, mas que permanecia por publicar cientificamente. Nem sempre foi tão visível como actualmente, pois uma sebe arbustiva o escondia, até que uma intervenção paisagística recente da Câmara Municipal de Beja levou ao seu corte, facilitando o acesso e permitindo, assim, que se efectuasse o registo condigno e uma observação pormenorizada (Fig. 1 e 2).

Trata-se do fragmento (a parte esquerda) do campo epigráfico de uma cupa funerária, de mármore de Trigaches. A moldura é

delimitada do lado esquerdo por uma ranhura com cerca de 1 cm, rebaixada em relação ao campo epigráfico (Fig. 3).

```
Dimensões: (30) x (25) x (19). <sup>1</sup>
Campo epigráfico: (19) x (19). <sup>2</sup>

[D(iis) M(anibus) S(acrum)] [?] / IV[LIA] / C·HR·ES[IMA] /

[...]

Consagrado aos deuses Manes [?]. Júlia Crésima [...]

Letras: 1. 1: 4; 1. 2: 3,5.
```

Não cremos despicienda a hipótese de ter existido uma primeira linha com a consagração aos deuses Manes, como é hábito na epigrafia da cidade e das cupas em particular.

O espaço livre do lado esquerdo da actual l. 1 está completamente liso e não nos parece, por isso, ter existido aí nenhuma letra apesar de haver espaço suficiente. Por isso, optámos pela reconstituição do *nomen* no feminino, pois o masculino postularia um *praenomen*. A seguir ao V, que se identifica bem sob a pedra cimeira, não se consegue ver se há mais letras por causa das pedras cimentadas por cima do campo epigráfico; ainda se conseguiu limpar um pouco no limite do lado direito onde a cupa está partida, mas não se enxerga mais nenhuma letra. Sendo assim, afigura-se-nos que a paginação poderá ter sido feita obedecendo a um eixo de simetria, justificando-se a presença, na l. 2, do ponto a seguir ao C e de outro, menos nítido, depois do R, e a gravação espaçada das letras.

A fotografia não permite, devido à dificuldade da iluminação, distinguir as barras horizontais, mas percebe-se a do H (que é largo) e as do E. O R foi claramente gravado a partir de um P. Do S resta a metade superior.

Somente o sugerimos na leitura interpretada, mas é nossa convicção de que haveria mais linhas, eventualmente com a idade da defunta, a menção do dedicante e as costumadas fórmulas funerárias finais.

¹ Por estar incrustada, não foi possível medir a espessura na totalidade.

² A epígrafe está partida na parte inferior e no lado direito. A largura foi medida desde o início da moldura até onde está partida do lado direito.

Iulia Chresima insere-se perfeitamente no panorama onomástico de *Pax Iulia*: detém o gentilício mais frequente na cidade e o *cognomen* é etimologicamente grego, a denunciar uma origem servil, agora liberta. Nome sugestivo para dar a uma escrava, pois χρήσιμη significa «a útil», «a prestável». No *conventus Pacensis*, registou-se um *Mumius Chresimus* em Alfundão, Ferreira do Alentejo (IRCP 333), e um *Atilius Chresimus* no termo de Arraiolos (IRCP 435).³

Para a atribuição de uma datação, apenas dispomos dos escassos dados paleográficos; contudo, não nos parece andarmos longe da verdade se apontarmos para uma datação do século II da nossa era.

José d'Encarnação Miguel Serra



³ IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra: Imprensa da Universidade, ²2013. http://hdl.handle.net/10316/578. [O número identifica a inscrição no catálogo].